

Prática docente: O blog como recurso pedagógico para ensinar História da África

SUELLEN DE SOUZA LEMONJE ¹

RESUMO EXPANDIDO: Sabendo da escassez de informações sobre o continente africano nos bancos escolares, e visando suprir essa demanda nas escolas, o Estágio Supervisionado de História da autora problematizou a lei 10.639/03, que tornou obrigatório o estudo de história e cultura de africanos e seus descendentes no Brasil. Atrelado a essa temática, o objetivo central deste artigo é estabelecer o diálogo entre o Ensino de História da África e o uso de tecnologias digitais em sala de aula, bem como a construção de materiais didáticos que foram utilizados durante o processo da prática docente. Neste artigo pretende-se analisar as abordagens utilizadas durante o estágio docência e os caminhos encontrados pela autora para desempenhar seu processo de ensino e aprendizagem, na sétima série, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. Para fugir dos paradigmas dos livros didáticos tradicionais que reforçam estereótipos, optou-se por elaborar diferentes materiais didáticos que abordaram a temática do ensino de história da África. Para tanto, foram utilizados documentos históricos escritos e iconográficos, além do uso de tecnologias como música, vídeos, blogs, sites. Esta experiência foi possível pela estrutura que a escola oferece, e em virtude do projeto federal PROUCA (programa um computador por aluno), em que os estudantes ganharam netbooks para o uso em sala de aula. Frente a esta realidade escolar foi possível a criação e o manuseio do blog “www.estudandoocontinenteafricano.blogspot.com” criado pela autora para orientar e mediar o conhecimento sobre o continente africano, sua geografia, seus reinos, sua forma de comércio e o contato com outros povos. No blog foram publicados os materiais didáticos elaborados e as atividades produzidas, que ficaram à disposição dos estudantes. Esta ferramenta motivou as práticas de leitura e escrita, além de tornar-se um espaço de troca de conhecimento. É considerável classificá-lo como um “recurso pedagógico”, ou até mesmo como um material didático, à medida que muitas atividades foram realizadas por meio da publicação das respostas online, onde os alunos acessavam o site em aulas específicas, interagindo com o conteúdo apresentado. Por muito tempo os professores de história foram formados para analisar documentos escritos, mas com a ampliação do conceito de fonte abriram-se novas possibilidades na construção do conhecimento histórico. Frente a esta nova realidade, coube ao professor mediar esses novos recursos, ajudando os estudantes a problematizar os textos e as imagens provenientes dos meios tecnológicos, como propagandas de televisão, filmes, internet e blogs, ajudando a formar um sujeito crítico e consciente, que compreende os processos históricos, dentre eles, a importância do estudo de história da África.

¹ Licenciada e bacharel em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, atualmente mestranda em Educação na mesma universidade, na área de Sociologia e História da Educação. E-mail: suellenlemonje@yahoo.com.br



O Estágio Supervisionado é o momento em que o graduando de licenciatura tem a possibilidade de se aproximar da futura realidade profissional e onde as teorias aprendidas durante a graduação são postas em prática. Sabendo da subjetividade deste processo, acredita-se que este também é o momento de problematizar questões sobre a cultura escolar, e de reconhecer-se como sujeito de um processo que contribuirá com a formação de sua identidade docente.

O professor não se reduz a conhecimentos já constituídos, nem atua sozinho, ele engloba uma série de saberes que ajudam a formá-lo como sujeito transformador, que constrói conhecimento ao longo da vida, e, por isso, está em constante processo de formação. Podemos dizer que isso é resultado dos diferentes tipos de saberes docentes que enriquecem a sua atuação no ambiente escolar e contribuem para sua prática pedagógica, como, por exemplo, os saberes das disciplinas, os saberes curriculares, os saberes da formação profissional e os saberes da experiência, sendo que a diferença estaria na relação do professor com cada um deles. O conjunto destes saberes constitui, possivelmente, o que é necessário para saber para ensinar (TARDIF, 2002, p 39).

Desde as práticas escolares dos ensinos primários até a formação acadêmica é possível adquirir diferentes conhecimentos que acompanham o sujeito professor durante sua formação e estão presentes em sua personalidade. Essa gama de aprendizados junto com os saberes constituídos ao longo da carreira permite ao professor atuar com sabedoria, levando em consideração toda sua subjetividade. No entanto, o campo de trabalho em que o educador está inserido também contribui para a construção de sua identidade docente, por este motivo, faz-se necessário conhecer o campo de atuação, ou seja, o colégio de aplicação.

Por ser um colégio com perfil experimental, onde se desenvolvem projetos inovadores para a construção do conhecimento, o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina participou ativamente nas mudanças latentes da sociedade nas últimas décadas, como a inserção de equipamentos tecnológicos em ambiente educativo. O ano de 2010 foi de mudanças no colégio, pela chegada dos *netbooks* provenientes do Programa Um Computador por aluno (PROUCA)². Este projeto é parte de um conjunto de ações governamentais, e está

² O PROUCA foi oficializado por intermédio da Lei 12.249, de 14 de junho de 2010. A partir de então, o MEC, em parceria com as secretarias estaduais e municipais de educação, dedicou-se a oferecer gratuitamente laptops para alunos, professores e demais educadores de escolas públicas do país. Lei 12.249, de 14 jun. 2010. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112249.htm> Acesso em 01 jul 2014.



inserido no contexto das políticas públicas do governo federal para implementar, também nas escolas da rede pública, diferentes recursos tecnológicos, propondo a inclusão digital.

Por meio de diferentes projetos é possível perceber a preocupação do governo brasileiro com a inclusão digital, que veio de encontro com as demandas educacionais do século XXI, que exigem escolas bem equipadas com recursos audiovisuais e informáticos e professores formados para lidar com esta nova demanda educativa, propiciando habilidades com novas ferramentas para a melhoria da qualidade da educação brasileira.³

Cabe ressaltar que o PROUCA é um projeto pensado pelo governo federal em conjunto com outras instâncias maiores, mas a responsabilidade de seu manuseio recai ao professor da educação básica, que não teve uma formação acadêmica voltada para o uso das novas tecnologias. Ao professor cresce a responsabilidade de reinventar a sua prática docente, integrando ao currículo este novo equipamento pedagógico, ao passo que os alunos já dominam essa linguagem, embora nem sempre associada ao uso escolar.

O contato da informática com o campo de conhecimento histórico permite que alunos e professores acessem e compartilhem dados pertencentes à acervos e sites que oferecem informações e análises de diferentes tópicos daquela área do saber, apesar de ser uma importante ferramenta de pesquisa, ela deve ser usada com prudência e orientação.

Atualmente, o historiador tem acesso a uma quantidade quase infinita de informações, distribuídas em centenas de milhares de sites que oferecem análises de fatos históricos, cronologias, biografias, reproduções de imagens de quadros, esculturas, obras arquitetônicas, músicas, dicionários, enciclopédias, embora parte desse material não siga padrões acadêmicos ou científicos, seja na seleção de fatos ou temas, seja na análise destes. Se por um lado isso cria uma sensação de liberdade e agilidade, por outra dá margem à circulação de toda sorte de informações inconsistentes ou superficiais. (CARDOSO, 2012, p 308).

Muitos conteúdos são postados na internet sem a devida problematização ou citação de fontes, o que dificulta o seu manuseio. Desta forma, ao incluir esta ferramenta no ensino de história, é necessário também considerar a formação e o papel do professor como mediador deste conhecimento, problematizando o conteúdo e orientando o seu uso. Aqui, o professor não é o centro da produção do conhecimento, mas um condutor do processo.

³ BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Projeto Um Computador por Aluno(UCA): Reunião de Trabalho. Brasília-DF, 07 e 08 de novembro de 2007. APUD MARQUES, Antônio Carlos Conceição. *O projeto um computador por aluno – UCA: reações na escola, professores, alunos, institucional*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Federal do Paraná. PDF, Curitiba, 2009.

Neste sentido, é necessário evitar o deslumbramento com estes novos recursos, pois embora facilitadores do processo de reprodução, escrita e pesquisa histórica, o computador não substitui a construção do pensamento, sua reflexão, problematização e análise. “O computador não nos substitui nesses passos, temos de estar ali para escolher os temas, os documentos e as hipóteses e problemáticas de trabalho, decidir como abordá-las, conceber a síntese interpretativa que chegará ao conhecimento do leitor” (SILVA; FONSECA, 2007, p 111).

Além do mais, não podemos descartar os documentos originais em face deste novo banco de dados digitais, realizado pelos escâneres. Sabe-se que preservar documentos históricos requer espaço e manuseio adequado, e que salvá-los no computador minimiza estes cuidados, evita sua deterioração, mas, como historiadores, é importante preservar a materialidade dos documentos, sua caligrafia, a tinta, o papel, a rasura. Até porque os computadores são frágeis, possuem vírus e podem perder sua capacidade de uso. Desta forma, é importante considerar o computador como uma ferramenta facilitadora do processo de construção de conhecimento, e não protagonista.

O professor de história também pode incluir as tecnologias como um recurso didático durante o processo pedagógico no qual está inserido. No entanto, a incorporação desta ferramenta ainda precisa ser desenvolvida e testada, exigindo dedicação profunda na elaboração de diferentes planos e estratégias de aula para se adequar à essas mudanças na linguagem virtual.

Essas inovações do século XXI são um desafio aos professores, que tem a carga horária semanal cheia, e estão habituados aos recursos didáticos convencionais, restando pouco tempo e/ou motivação para preparar uma aula diferente, salvo alguns casos. O estagiário docente, nesse caso, tem um papel privilegiado por ter tempo hábil para planejar e experimentar novos recursos, ao contemplar o uso dessas novas ferramentas pedagógicas, mobilizando saberes docentes no uso das novas tecnologias. Essa experiência exige preparo de novas aulas, reflexões sobre a prática como professor, pois os próprios alunos da escola anseiam/solicitam novas formas de aprender, visto que os novos tempos exigem um padrão educacional que esteja voltado para o desenvolvimento de um conjunto de competências e habilidades essenciais, para que reflita sobre a realidade que o cerca.

Sendo assim foi possível ensaiar novas estratégias pedagógicas ao atribuir maior dedicação na utilização de meios tecnológicos, tendo como temática o ‘Ensino de História da África’. Depois de muitos debates com a professora orientadora, Monica Martins da Silva,



decidiu-se inovar as aulas de estágio de história por meio da criação de um *blog*, para estabelecer maior contato com os alunos virtualmente, à medida que todos eles possuíam um *netbook* fornecido pelo governo federal por meio do PROUCA (projeto um computador por aluno).

História da África no Blog (www.estudandoocontinenteafricano.blogspot.com.br)

Sabendo da escassez de informações sobre o continente africano nos bancos escolares, e visando suprir essa demanda nas escolas em virtude da lei 10.639/03 - que tornou obrigatório o estudo de história e cultura de africanos e seus descendentes no Brasil - o estágio supervisionado de história da autora - realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, na turma 8°C, entre dezenove de maio e catorze de julho de 2011 – teve este como seu principal tema, bem como a produção de materiais didáticos para serem utilizados durante o processo da prática docente, a fim de dialogar com a renovação historiográfica e incorporar as problemáticas apresentadas pelo campo do ensino de história. Os conteúdos debatidos neste processo foram História da África, a variedade de povos africanos, a peculiaridade de sua sociedade (comércio, religiosidade, reinos), e o contato com povos fora do continente.

Nesse artigo pretende-se debater as abordagens tecnológicas utilizadas durante a prática docente, e os caminhos encontrados para desempenhar o processo de ensino e aprendizagem de história da África na escola. Considerando a necessidade de fazer um recorte temporal, diferentes aspectos foram levados em conta para a seleção dos eixos temáticos, para que os alunos dialogassem com o tempo e o espaço apresentados, facilitando assim a problematização do ensino de História da África.

Com efeito, a história da África, como a de toda a humanidade, é a história de uma tomada de consciência. Nesse sentido, a história da África deve ser reescrita. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada. Pela "força das circunstâncias", ou seja, pela ignorância e pelo interesse. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro. Não se trata aqui de construir uma história-revanche, que relançaria a história colonialista como um bumerangue contra seus autores, mas de mudar a perspectiva e ressuscitar imagens "esquecidas" ou perdidas. Torna-se necessário retomar à ciência, a fim de que seja possível criar em todos

uma consciência autêntica. É preciso reconstruir o cenário verdadeiro. É tempo de modificar o discurso. (KI-ZERBO, 2010, p 32).

O projeto de ensino foi escrito sob os olhos dessa perspectiva, momento em que os pesquisadores de história da África precisaram modificar seus discursos para reescrevê-la e ensiná-la. Embora a citação inicial tenha sido escrita originalmente em 1982, o debate continua atual (LAUREANO, 2008, p 339). Novas pesquisas e publicações foram feitas sobre óticas mais positivas, a fim de contemplar a diversidade e a pluralidade das sociedades africanas e desconstruir a visão eurocêntrica, sendo esta também a proposta deste artigo.

Durante a graduação da autora foi possível acompanhar intensos debates acerca da problematização dos conteúdos de História da África no meio acadêmico e sua inserção nas instituições de ensino. Neste caminho de mudanças de discurso, foi apresentada a Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que tornou obrigatório o ensino de História da África e da cultura Afro-Brasileira em sala de aula, focando o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. O intuito da lei era valorizar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

Esta lei foi editada no início do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Seu advento se deu em meio a um intenso debate social amplificado pela mídia, que expressava os primeiros impactos da implantação de programas de ação afirmativa em algumas universidades brasileiras. Portanto, a elaboração do projeto de ensino desenhou-se pautado nos debates sobre a ampliação dos currículos escolares e do Ensino de História da África, legitimados com a lei 10.639/03.

Seu conteúdo e as transformações dela decorrentes produzem uma tensão entre a ampliação dos direitos de cidadania no país e a crescente compreensão da necessidade de enfrentamento do racismo, em suas diversas faces e nas diferentes esferas da vida social, sobretudo no âmbito da escola. A lei atende enfim, também à sua maneira, ao enfrentamento da antiga crítica a um ensino de história centrado em narrativas etnocêntricas, em que a história e a cultura afro-brasileiras, via de regra, compareciam quando compareciam de forma estereotipada. (PEREIRA, 2008, p 21-22).

Com intuito de contemplar a diversidade e a pluralidade das sociedades africanas, propôs-se desconstruir a visão eurocêntrica, e substituí-la por uma visão “afrocentrista”, ou seja, colocou-se este continente no centro das questões problematizadoras a fim de torná-lo protagonista de sua própria História. Por isso buscou-se *historicizar* a História do Continente

Africano por ela mesma, para fugir do recorte ‘quadripartite’ da história (Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea). O objetivo foi demonstrar que esta visão europeia não se encaixava ao continente que seria estudado, já que ele apresenta suas peculiaridades na história.

No entanto, durante a construção do projeto percebeu-se que

não basta[va] introduzir conteúdos de história e cultura afro-brasileira ou africana para a superação do eurocentrismo nas abordagens históricas. O desafio é a promoção de um ensino-aprendizagem em que a história africana e a história europeia, por exemplo, não sejam dicotomizadas, nem idealizadas, nem tampouco contrapostas, mas, antes, compreendidas em sua dinâmica e circularidade. (IDEM)

Para definir o recorte temporal consultou-se no Projeto Político Pedagógico o conteúdo programático anual do 8ºC do Colégio de Aplicação, que previa o ensino sobre: a queda do Império Romano do Ocidente, o sistema Feudal e a cultura medieval Europeia; e a expansão islâmica⁴. Embora a ideia inicial fosse fugir dessa *linearidade eurocêntrica*, não haveria possibilidade de tornar-se alheio ao conteúdo programático e, por este motivo, decidiu-se *historicizar* o Continente Africano entre os séculos V e XV.

No entanto, houve certa dificuldade em encontrar fontes primárias sobre o tema, visto que são poucos os autores que dedicaram suas pesquisas sobre África nesse período, além de ser um povo que preservava a tradição oral. Portanto, muitas leituras foram provenientes da transcrição de histórias e registros/ relatos de viajantes.

Desde a promulgação da Lei 10.639/03 surgiram muitas dúvidas sobre sua aplicação, uma vez que havia a necessidade de efetuar mudanças curriculares nas Escolas. Nesse contexto as editoras promoveram a publicação de pesquisas duvidosas que reproduziram os estereótipos à serem superados e, além disso, os professores de História não estavam preparados para trabalhar com a temática em questão, ou seja, a cada avanço novos desafios foram lançados. Por este motivo, desde o início do projeto de ensino foram selecionadas fontes mais críticas e problematizadora, para posteriormente poder compartilhá-las com os estudantes, a fim de mediar o conhecimento durante a prática docente.

⁴ Informação consultada no Projeto político pedagógico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. p. 48.



Durante a seleção de textos para a confecção do material didático, os estagiários tiveram o exímio cuidado de extrair bons recortes do conteúdo que valorizassem e respeitassem a sociedade e cultura africana. Os textos e atividades foram elaborados pautados nessas leituras. Na bibliografia específica selecionada há excelentes autores como Alberto Costa e Silva (2006), Catherine Coquery Vidrovitch (2004), Mariana de Mello e Souza (2006), Mauricio Waldman e Carlos Serrano (2007). Entre os autores que debatem o Ensino de História, utilizou-se Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004) e Maurice Tardif (2002), para completar esse quadro, também utilizou-se três autores de livros didáticos que trabalharam sobre a História da África, entre eles, Alfredo Boulos Jr (2008), Ricardo Dreguer e Eliete Toledo (1995), e Cláudio Vicentino (2006). Para complementar, também utilizou-se sites relacionados ao estudo do continente africano, como o site Casa das Áfricas⁵ e o BHZ design sobre o Ibn Battuta⁶.

Para melhor compreensão e em virtude da reunião de tão boas obras, a temática foi dividida em três eixos temáticos dentre os quais os textos didáticos e as atividades foram elaboradas. Os três eixos temáticos trabalhados foram: 'Desconstruindo a visão da África', 'Reinos da África Ocidental' e 'Cultura e arte africana'. Esse recorte foi elaborado com a intenção de que a turma reconhecesse os africanos como sujeitos de sua própria história, conhecendo e valorizando a estruturação de sua sociedade, suas práticas religiosas, sociais, econômicas, comerciais e políticas (não mais pautadas na visão eurocêntrica).

Cientes de que a maioria dos livros didáticos não abordavam criticamente sobre a temática, o intuito foi suprir a falta de conteúdo problematizador nos materiais didáticos, baseados em novas pesquisas e também na lei 10.639/03. Como resultado disso, a autora confeccionou uma apostila com textos selecionados para complementar as aulas e facilitar o processo de ensino-aprendizagem sobre a História da África.

As escolhas se concretizaram nestes três eixos depois de ampla leitura e reflexão sobre o Ensino de História da África nas escolas. O principal objetivo do projeto era que os estudantes percebessem que os africanos foram protagonistas de sua própria História, e não figurantes da história europeia. Ou seja, despertá-los para uma visão crítica sobre o eurocentrismo, dando-lhes a possibilidade de construir um novo olhar, problematizando e

⁵ Disponível em < <http://casadasafricas.com.br/> Acesso em mar de 2011.

⁶ Disponível em < <http://www.bhzdesign.com.br/clientes/ibnbattuta/projeto.html>. > Acesso em mar de 2011.



percebendo que as características do continente africano são próprias e independentes da chegada dos Europeus.

Por meio do manuseio de um blog⁷ e outras ferramentas e suportes digitais, atingiu-se o objetivo de orientação e mediação do conhecimento sobre o continente africano, sua geografia, seus reinos, sua forma de comércio e o contato com outros povos.

Redescobrimo o Continente Africano

A História das Sociedades Africanas foi, durante muito tempo, deixada de lado devido às idéias produzidas pelos europeus. Porém, com o passar dos séculos, o Continente passou a ser estudado com mais propriedade, e descobriu-se uma série de elementos culturais muito interessantes, que serão estudados e debatidos com vocês!

domingo, 15 de maio de 2011

O ensino de História da África

O texto a seguir trata da importância e da presença do estudo da História da África nas escolas brasileiras. Depois de sua leitura, resolva as atividades propostas no caderno:

"A Lei nº 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, foi editada no início do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 9 de janeiro de 2003 (...) O advento da Lei nº 10.639/2003 se deu em meio a um intenso debate social amplificado pela mídia, que expressava os primeiros impactos da implantação de programas de ação afirmativa em algumas universidades brasileiras. (...)

Quem sou eu

 estagiarios

Maykon (28 anos) e Suellen (20 anos). Somos graduandos do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, e estamos cursando a disciplina de Estágio Supervisionado II. As aulas serão ministradas no Colégio de Aplicação da Universidade, na turma 7ª série C.

Visualizar meu perfil completo

Seguidores

 Participar deste site

<http://estudandoocontinenteafricano.blogspot.com.br>

No blog foram publicados os materiais didáticos elaborados para cada aula e também as atividades produzidas para o projeto, estando à disposição para a pesquisa posterior (online). Portanto, esta foi uma ferramenta de comunicação direta entre aluno e professor, mesmo fora de sala de aula. O blog, como uma ferramenta tecnológica, apresentou-se como

⁷ “Um blog, blogue, weblog ou caderno digital é uma página da WEB, que permite o acréscimo de atualizações de tamanho variável chamados artigos ou posts. Estes podem ser organizados de forma cronológica inversa ou divididos em links sequenciais, que trazem a temática da página, podendo ser escritos por várias pessoas, dependendo das suas regras. (...) Os Blogs são espaços interativos, onde tudo pode ser publicado e dito, sem limites para o conteúdo, nem para quem pode ter um. Quaisquer pessoas ou comunidades, de qualquer idade ou região podem criar um blog e postar as informações que julgarem importantes para tal”. SENRA, Marilene Lanci Borges; BATISTA, Helena Aparecida. *Uso do blog como ferramenta pedagógica nas aulas de língua portuguesa*. Diálogo e interação. Volume 5, 2011. Disponível em <<http://www.faccrei.edu.br/gc/anexos/diartigos69.pdf>> Acesso em 3 mar 2013.



peça fundamental para a inserção dos *netbooks* (PROUCA) dentro das salas de aulas, servindo como intermediário e base para resolução de algumas atividades.

É considerável classificá-lo como uma ferramenta pedagógica, ou até mesmo como um material didático, à medida que muitas atividades foram realizadas por meio da publicação das respostas online. Ou seja, os alunos acessavam o site em aulas específicas, interagindo com o conteúdo apresentado. Veja o exemplo a seguir:

Atividade

- De acordo com o texto, qual o conteúdo da lei 10639/03 e quais mudanças ela propõe para o ensino de história?
- Em sua opinião, como o estudo da História da África pode colaborar para a diminuição de preconceitos e estereótipos de povos africanos e seus descendentes e ampliar a concepção de cidadania no Brasil? Fundamente a sua resposta a partir do texto.

 **Vitória Resende Salles** 20 de maio de 2011 16:45

- conteudo a obrigatoriedade de ensino de cultura e história afro-brasileira e africana na educação basica
- Acho que aulas sobre a africa podem colaborar pois vamos saber qual é a cultura e o modo de pensar dos africanos e assim acabar com o preconceito.

Responder

<http://estudandoocontinenteafricano.blogspot.com.br>

Não podemos deixar de considerar que ao utilizar esse recurso também foi preciso se adequar às novas linguagens desse meio. No entanto, o fato de a estagiária ser de uma geração próxima da turma facilitou o contato com essa tecnologia, diferente de um professor que está há mais de 20 anos atuando na educação. Foi possível fazer desse meio tecnológico uma ferramenta didática com o intuito de orientar os alunos a fazer uma utilização educativa e útil dos *netbooks*, e não utilizá-lo apenas em sites de relacionamentos e jogos lúdicos.



O blog integrou efetivamente a proposta pedagógica do projeto de ensino, à medida que possibilitou o uso de diferentes ferramentas digitais para ‘incrementar’ a aula e acompanhar a evolução digital que vivemos na contemporaneidade. Optou-se pelo blog para ensinar História da África por ser uma ferramenta motivadora das práticas de leitura e escrita dos alunos. Além disso, é um espaço de troca de conhecimento, sendo uma ferramenta pedagógica muito dinâmica e acessível.

Podemos concluir que o resultado da proposta foi positivo, pois nas diferentes atividades em que o PROUCA foi utilizado, os alunos aproveitaram e saborearam uma “aula diferente”. Embora em alguns momentos fosse necessário percorrer a sala para evitar as possíveis ‘fugas’ para sites de relacionamento e jogos.

Como futura professora, essa experiência permitiu orientar os estudantes para o uso educativo do conteúdo digital da internet, tendo como base sites confiáveis/oficiais, com fontes seguras, baseados em diversas pesquisas para proporcionar uma aula atrativa, com conteúdo novo e problematizado, evitando o uso do computador somente com finalidades lúdicas. No entanto, não só o blog atuou como recurso tecnológico durante a experiência de estágio supervisionado de história, mas também a análise de vídeos-documentários educativos sobre a História da África, provenientes de diferentes sites, música e utilização do *power point*.

Sabemos que na internet podemos encontrar diferentes tipos de conteúdos, muitos deles não confiáveis, mas apesar disso, se o professor souber selecionar os vídeos, as músicas e os documentários a serem exibidos, as aulas ganharão novos caminhos já que hoje os alunos solicitam novas formas de aprender, pois recebem informações dos mais diferentes meios, e tem o poder de acessá-las com a palma da mão.

Tendo a oportunidade de lidar com esta ferramenta pedagógica digital em 2011, a autora decidiu pesquisar em seu trabalho de conclusão de curso, em 2014, de que forma um professor efetivo de história do Colégio de Aplicação utiliza-se deste recurso, se em sua formação inicial foi incentivado o uso de diferentes estratégias de ensino, e se a formação continuada deu suporte à estes anseios, se o suporte técnico oferecido pela universidade e pela escola é funcional e se os estudantes tem interesse em utilizá-las em sala de aula. Desta forma, podemos concluir que esta experiência de prática docente rendeu frutos para a pesquisa acadêmica posterior, agregando conhecimento à esta futura pesquisadora.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Identidades e ensino da história no Brasil. In: CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto e GONZÁLEZ, Maria Fernanda. *Ensino da história e memória coletiva*. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BORGES, Rita de Cássia Monteiro Barbugiani. O processo reflexivo-crítico como mediador do processo de inter-relação da leitura-escrita. In: *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRASÍL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Projeto Um Computador por Aluno (UCA): Reunião de Trabalho. Brasília-DF, 07 e 08 de novembro de 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- COSTA, Aryana L. OLIVEIRA, Margarida. M. D. *O ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá*. João Pessoa: Saeculum Revista de História. jan/jun. 2007.
- CUNHA, Emmanuel Ribeiro. Os saberes docentes ou saberes dos professores. In: _____. *Práticas avaliativas bem sucedidas de professores do ciclo de formação*. Tese (doutorado), UFRN: 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães (org). *Ensinar e aprender história: formação, saberes e práticas educativas*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.



GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. In: *Revista de Administração de Empresas*, v 35, n. 3, Mai/jun. 1995.

KI-ZERBO, Joseph.. *História geral da África: Metodologia e pré -história da África*. Editado por Joseph.Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010

LAUREANO, Marisa Antunes. *O Ensino de. História da África*. In: *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 44. 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo; EPU, 1986.

MARQUES, Antônio Carlos Conceição. *O projeto um computador por aluno – UCA: reações na escola, professores, alunos, institucional*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Federal do Paraná. PDF, Curitiba, 2009. 85 f.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores: Entre saberes e práticas*. Revista Educação e Sociedade, ano XXII, nº 74, 2001.

NADAI, Elza. *A escola pública contemporânea: os currículos oficiais de história e o ensino temático*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 6, n. 11, p 171, set 1985/fev 1986. (ANPUH; Marco zero).

PEREIRA, Júnia Sales. *Reconhecendo ou construindo uma polaridade étnico-identitária? Desafios do ensino de história do imediato contexto pós-Lei n. 10.639*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 21-43, 2008.

PEREIRA, Nilton Mullet. SEFFNER, Fernando. *O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula*. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008.

Programa Um Computador por Aluno. Disponível em <<http://www.uca.gov.br/institucional/projeto.jsp>>. Acesso em 17 nov. 2012

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão, MOREIRA, Antônio Flávio. *Currículo: Questões de Seleção e de Organização do Conhecimento*. Revista Série Idéias. São Paulo: FDE, 1995, n 26.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Fernando Leocinoda. Entrevista concedida a Suellen de Souza Lemonje. Florianópolis, 03/06/2014. Acervo pessoal. Transcrita por Suellen de Souza Lemonje. 3h30min. 66 páginas.

SILVA, Marcos. FONSECA, Selva. *Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo entendido*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. *Os professores face ao saber – esboço de uma problemática do saber docente*. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 4, 1991.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 6 ed. 2006.

VEIGA, Ilma Passos A. (org.) *Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível*. Campinas: SP, Papirus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).



ZAMBONI, Ernesta. *Panorama das pesquisas no ensino de história*. João Pessoa: Saeculum Revista de História. N 6/7. Jan/dez, 2001.